

CONHECER, CONVIVER, INTEGRAR: ANOTAÇÕES MUITO PESSOAIS

Antonio Cândido

Entre a minha mocidade e a minha velhice houve uma coisa animadora: os intelectuais da América Latina aprenderam a se conhecer melhor e a ter mais contacto, tanto pessoal quanto pela leitura de suas obras. Mas este conhecimento nem sempre abrange a totalidade dos nossos países e deveria ser mais intenso, inclusive porque a consciência comum ajuda a ação comum em outros setores. E nós precisamos muito ser solidários a fim de sobrevivermos com integridade nesse mundo onde a colonização foi substituída por formas mais discretas, mas muito eficientes, de controle por parte dos países centrais. Estabelecer vínculos entre os intelectuais da América Latina é contribuir para diversas libertações.

Uma etapa importante nesse processo foi o aumento das oportunidades de contacto, direto e indireto, primeiro com a mediação dos países centrais; depois, sem ela. Foi um progresso o fato de terem os intelectuais latino-americanos assumido a iniciativa de se conhecerem, se encontrarem / colaborarem em revistas, participarem de congressos, simpósios, obras coletivas. Antes, era freqüente que o estímulo para tudo isso partisse de europeus e norte-americanos, dos quais parecíamos precisar para entrarmos em relação. É sintomático, por exemplo, que um dos livros que mais serviram aos brasileiros para o conhecimento dos países abaixo do Rio Grande tenha sido editado em francês, na França, com prefácio de um estadista francês: *Les démocraties latines de l'Amérique*, de Francisco García Calderón...

No Brasil houve uma tentativa precoce de comunicação direta graças à Revista Americana, patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores, que se publicou de 1909 a 1919 em português e espanhol, com a colaboração (além dos brasileiros) sobretudo de argentinos, uruguaios, chilenos e peruanos. Nela escreveram autores como Herrera y Reissig, María Eugenia Vaz Ferreira, Eduardo Acevedo Díaz, José Ingenieros, Francisco Romero, Ernesto Quesada, Ramón Carcano, Alberto Nin Frías, Francisco García Calderón, Santos Chocano e mesmo alguns que não eram vizinhos próximos, como Max Henríquez Ureña. Ignoro se houve algo parecido em países da América Espanhola.

Se me for permitido falar em termos estritamente pessoais, direi que a minha primeira experiência direta foi a participação, como professor convidado, num evento de caráter regional: um dos "Cursos de Verano" promovidos cada ano, alternadamente, pelas Universidades de Buenos Aires, Santiago do Chile e Montevideo para estudantes desses três países e uns poucos de outros. Em 1960 o curso foi em Montevideo, de cuja Universidad de la República era reitor o insigne Casinoni. Éramos dois professores brasileiros e eu dei um curso breve sobre traços comuns das literaturas latino-americanas, no qual tive a oportunidade de revelar aos jovens ali reunidos a obra de Guimarães Rosa. Nessa ocasião conheci Amanda Berenguer e José Pedro Díaz, Irma Vitale, Angel Rama e seu irmão Carlos, além de outros. Angel Rama, que se tornou meu amigo, declarou-me então que segundo ele a tarefa principal dos intelectuais latinoamericanos em nosso tempo era se conhecerem e trocarem experiência; e que ele estava decidido a trabalhar nesse sentido, o que, como sabemos, fez efetivamente com eficiência e fervor.

Passando a outro nível, assinalo que o primeiro evento, não de cunho apenas regional, mas abrangendo os intelectuais de toda a "nuestra América" de que participei foi o congresso *Terzo Mondo e Comunità Mondiale*, realizado na cidade de Gênova em 1965 pela instituição Columbianun criada e dirigida pelo benemérito padre Angelo Arpa e dedicada a promover o intercâmbio entre a Europa e o Terceiro Mundo. Foi um acontecimento memorável, que reuniu intelectuais e artistas africanos e latino-americanos. Entre estes últimos, Miguel Angel Asturias, Juan Rulfo, Carlos Pellicer, Leopoldo Zea, Juan Marinello, Roberto Fernández Retamar, José María Arguedas, Ciro Alegría, Josefina Pla, Angel Rama, Emir Rodríguez Monegal, Ernesto Sábato, José Luiz Martínez e outros, inclusive os brasileiros Murilo Mendes e João Guimarães Rosa. Foi, repito, um acontecimento memorável e, para mim, uma extraordinária experiência de encarnação de nomes que eu *lia* e de repente *vi* transformados em pessoas. Mas experiência promovida por europeus, fora da América Latina.

Por isso, foi grande a diferença que senti quando participei em 1979 do júri do Prêmio Casa de Las Américas, em Havana, e quando lá voltei em 1981 para evento análogo e em 1985 para um congresso. Vi, então, que depois da Revolução de 1959 tinha havido um esforço ingente para reunir os intelectuais e artistas latino-americanos na própria América Latina, sem mediações, em larga escala e em torno de temas e problemas nossos. Talvez tenha havido promoções análogas antes, mas como falo de minha experiência pessoal, para mim foi o início de uma nova etapa de maturidade na concepção do intercâmbio, do conhecimento mútuo e do convívio.

Senti essa maturidade quando li os primeiros números da *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Eu ainda não conhe-

cia o seu fundador e diretor, mas pressenti que era alguém dotado de uma profunda consciência continental, que o levou, em seguida, a incorporar ao seu projeto o universo da cultura brasileira, associando intimamente a América Espanhola à América Portuguesa.

Antonio Cornejo Polar foi um intelectual da mais alta categoria, e estava preparado para a tarefa integradora que assumiu. Não apenas pela qualidade excepcional da sua obra crítica, mas pela sua consciência política, no sentido mais largo e não partidário da palavra. Como crítico, é notável a sua acuidade; mas é igualmente notável a sua capacidade teórica de manejar conceitos e transpor as verificações da análise para o plano especulativo. Daí ter podido formular algumas das posições mais lúcidas para o estudo das nossas literaturas. Inclusive porque nele se combinavam harmoniosamente a concepção da literatura como produção de estruturas verbais autônomas e a convicção de que elas são ao mesmo tempo produtos de cultura destinados a exprimir a humanidade do homem. Aí estão os seus escritos, aí está a sua ação intelectual para comprovar.

Como amigo e como admirador, não posso furtarme à lembrança muito sentida do nosso convívio, dos nossos encontros em Lima, em Caracas, em Havana, em Campinas, em São Paulo, nos quais ele impressionava sempre pela elegância do gesto e da palavra, pela clareza da exposição e a profundidade com que abordava os temas. A ele e a sua esposa Cristina, devotada colaboradora na *Revista*, muito deve o trabalho pela nossa integração espiritual.